

## Apresentação

*et*

O termo psicopatologia, outrora signo inquestionável da riqueza do contato entre os profissionais de saúde mental – sobretudo os psiquiatras – e seus pacientes, vem sendo alvo, nas últimas décadas, de grande empobrecimento semântico. O seu significado na maioria esmagadora dos livros atuais de psiquiatria – o tratado de Kaplan e Sadock serve como paradigma desse empobrecimento – ficou restrito a um pequeno glossário de lista de sintomas com suas respectivas descrições sintéticas. Não há nenhum esforço no sentido de tratar esses nomes de acontecimentos mórbidos como conceitos, o que exigiria retomar as bases teóricas e empíricas que os originaram, compará-los entre si e verificar ou não a pertinência de suas utilizações como ferramentas de trabalho. O glossário reforça no psiquiatra a crença de que os sintomas mentais estão localizados apenas na mente do doente mental, sem qualquer aspecto relacional, e representam a maneira mais correta de descrever o sofrimento psíquico porque são fruto direto da observação e há neles correspondência imediata com a realidade humana. Discriminamos, por exemplo, entre alucinação e pseudo-alucinação com base em concepções específicas de percepção e representação, porém exame mais pormenorizado dessas duas modalidades de entrar em contato com o mundo mostra que elas ficam subtraídas do pensamento psicopatológico. É como se perceber e representar fossem acontecimentos auto-evidentes da mente e prejuízos nestas funções levassem a modos regulares de produção de sintomas – no caso alucinações e pseudo-alucinações –, cujas causas deveriam ser procuradas em outras ciências.

Este livro é uma das raras e felizes exceções nesse cenário de esmaecimento intelectual. Seja resgatando a rica tradição psicopatológica influenciada pela fenomenologia – ao retomar autores como Jaspers, Minkowski,

Binswanger, Blankenburg e tantos outros –, seja nos colocando em contato com autores contemporâneos que ousaram continuar trilhando a senda aberta pela fenomenologia – entre os quais, Stanghellini, Zahavi, Parnas, e Berrios – ou dialogando com autores oriundos das neurociências, que, apesar disso, não têm uma visão reducionista do mental – por exemplo, Edelman, Varela e Damasio –, ele cumpre a principal missão da psicopatologia: trazer para exame as formas possíveis de contato com a experiência do adoecimento psíquico e da loucura. O livro, lapidado como pedra preciosa por seu organizador, o professor João Ferreira da Silva Filho, divide-se em três partes, nas quais os autores se incumbem da tarefa de desnaturalizar aspectos cristalizados do saber psiquiátrico.

Ao contrário dos diversos manuais de psicopatologia surgidos recentemente em nosso país e no exterior, *Psicopatologia hoje* nos traz uma discussão sobre as conseqüências do uso dos conceitos em nosso campo e não tem seus capítulos ordenados pelas funções mentais e seus sintomas, como ocorre com esses outros. Trata-se aqui de um exame crítico do campo psicopatológico. Logo na primeira parte, nos deparamos com textos que trazem contribuições fundamentais nessa direção. Os artigos de Octavio Domont de Serpa Jr., de Erotildes Maria Leal e de Nelson Goldenstein apresentam grande afinidade teórica entre si, provavelmente por seus autores serem pesquisadores do Laboratório de Psicopatologia e Subjetividade do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB–UFRJ). Esses três artigos procuram fundamentar uma psicopatologia da primeira pessoa, perspectiva teórica pouco valorizada pela pesquisa psiquiátrica contemporânea. Isso porque a perspectiva da primeira pessoa coloca no centro de suas preocupações a experiência da subjetividade, ou melhor, a subjetividade como experiência humana irreduzível a qualquer tentativa de objetivação por métodos de quantificação característicos da perspectiva da terceira pessoa. Octávio Domont de Serpa Jr. fornece as principais ferramentas para tal fundamentação teórica, discutindo de modo extremamente abrangente temas como subjetividade e intersubjetividade, normal e patológico em psicopatologia, e o problema mente/corpo, por meio dos quais demonstra o papel central que o estudo da subjetividade e da perspectiva da primeira pessoa ainda tem para a compreensão de nossa prática. Erotildes Maria Leal nos põe em contato com desdobramentos mais recentes do pensamento fenomenológico, as denominadas “psicopatologias do ser no mundo”, ressaltando o papel da intersubjetividade e da relação do sujeito com o meio para a compreensão de um acontecimento patológico. Nelson Goldenstein, por sua vez, analisa a importância dos sintomas afetivos, ligados de alguma

forma à alteração da experiência do eu, para o diagnóstico de esquizofrenia. O autor radicaliza a perspectiva da primeira pessoa, na medida em que faz repousar parte importante do diagnóstico (sobretudo o diagnóstico precoce) em eventos narrados e experimentados pelo próprio sujeito. Essa primeira parte do livro ainda recebe a contribuição de Fernando Tenório e Eduardo Rocha, num artigo em que os autores demonstram a importância da teoria psicanalítica para que possamos perceber, no trabalho da atenção psicossocial, a tensão estruturante entre as práticas de cuidado e do viver, e aquelas voltadas para a emergência do sujeito.

Na segunda parte do livro, há três artigos que versam sobre a psicopatologia de eventos nos quais se costuma considerar a presença de síndromes psico-orgânicas: a doença de Alzheimer, a reação exógena (Delirium) e a psicopatologia da memória. Annette Leibing faz uma análise histórica da evolução do conceito de demência, demonstrando como a consolidação da doença de Alzheimer como paradigma de quadro demencial se relaciona diretamente com as mudanças socioculturais sobre o papel da velhice no mundo contemporâneo e a importância do cérebro no adoecimento mental. Leibing mostra, com clareza, que o interesse pelo quadro descrito por Alzheimer no início do século só ocorreu recentemente em função das transformações sugeridas acima. Lilian Scheinkman traça as linhas mestras da psicopatologia do Delirium, começando por nos reconduzir ao autor que fundou uma nova clínica sobre o rebaixamento da consciência: Bonhoeffer. Seu artigo explicita a transformação que o conceito de reação exógena de Bonhoeffer produziu na psicopatologia anteriormente fragmentada dos transtornos da consciência. Já Carlos Augusto Mendonça Lima organiza o campo das várias definições heterogêneas de memória, produzindo um quadro mais inteligível, no qual incorpora conhecimentos mais recentes sobre essa capacidade humana. Há também preocupação semiológica com o exame da memória, delineando-se um guia clínico de importância prática.

Na terceira parte, o livro agrupa três capítulos dedicados às relações entre a psicopatologia e o mundo contemporâneo, aumentando a abrangência do campo da primeira. São estudados os aspectos experienciais do sofrimento ligados ao processo de trabalho, à velhice e à solidão, e à produção de conhecimento científico. João Ferreira da Silva Filho nos descreve de forma bem fundamentada a maneira como, desde o século XVIII, o trabalho se constitui como elemento-chave para a construção da identidade humana. Ele demonstra de que modo, a partir da criação desse aspecto identitário do trabalho como finalidade da existência, essa atividade passa a ser um lócus privilegiado para o estudo e o desenvolvimento da psicopatologia, à medi-

da que se torna campo fértil para a produção de mal-estar moral, mental, psíquico e físico. Carla de Meis e Salette Maria Barros Ferreira aproveitaram o exemplo da *canicule*, onda de calor que atingiu a França em 2003 e provocou inúmeras mortes, principalmente entre os velhos, para estudar o sofrimento psíquico provocado pela solidão na contemporaneidade. As autoras propõem que o atual e progressivo isolamento dos idosos, decorrente da perda dos laços de trabalho, dos laços afetivos que passam a ser caracterizados pelo estigma da dependência e de outros laços sociais, produz um “autismo torporoso” com o conseqüente esquecimento de si e do outro. Por fim, Rita Louzada fecha o livro, estudando um assunto extremamente atual: as formas de sofrimento implicadas no trabalho de produção científica, relacionadas com as novas exigências das agências de fomento. Louzada descreve o caso de Mônica, aluna de doutorado de um programa de pós-graduação nível 7 (nível máximo) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES), para demonstrar como o atual processo de produção científica, avaliado pela quantidade de artigos publicados, gera novos modos de se inscrever no mundo e de sofrer.

Por tudo que foi escrito nas linhas acima, é importante que todos saudemos esta importante iniciativa editorial. *Psicopatologia hoje* sem dúvida é um livro essencial para quem ainda acredita no vigor da clínica psiquiátrica, para quem ainda é capaz de perceber a riqueza contida na experiência singular da loucura, para quem, enfim, ainda tem a paciência necessária para “trocar dois dedos de prosa” com seus pacientes e saber que essa prosa pode mudar sua visão do mundo.

Julio Verztman